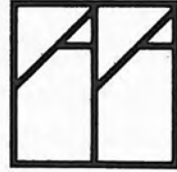


A S S O C I A Ç Ã O D O S A R Q U I T E C T O S P O R T U G U E S E S



SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES ABRIL 1989

**2.ª EXPOSIÇÃO
NACIONAL DE
ARQUITECTURA
ANOS 80**

D O S
A N O S 8 0
P A R A O S
A N O S 9 0
•
O T E M P O
D A A R Q U I
T E C T U R A

Três anos passados sobre a 1.ª Exposição Nacional de Arquitectura, esta segunda edição aí está para mostrar o que nós arquitectos fazemos e para o sujeitar à apreciação do público.

Como há três anos, sem qualquer crivo de selecção, cerca de quatrocentas obras em todo o país, atestam uma qualidade média que deveria por si só merecer, dos responsáveis pela produção do espaço físico em que vive a população portuguesa, alguma reflexão.

A 1.ª ENA constitui um trunfo importante na afirmação da profissão do arquitecto em Portugal principalmente pelo seu programa da itinerância, tornado possível pelo entusiástico apoio de Sua Excelência a Senhora Secretária de Estado da Cultura e com o qual foi possível levar a exposição a mais de 30 localidades.

Ao mesmo tempo que reivindicaram e reivindicam para si a arquitectura, os arquitectos tiveram e têm a clara noção do interesse público da sua actividade e é em nome desse interesse que hoje alargam o campo das suas reivindicações: são precisas medidas concretas favoráveis à melhoria de todo o processo de arquitectura.

Do ponto de vista legislativo alguns passos foram dados nestes últimos três anos: A Directiva Europeia da Arquitectura, o Decreto 205/88 que define a exclusividade do projecto de arquitectura para as zonas de protecção aos edificios classificados, ou o Decreto 465/88, que institui a Associação dos Arquitectos Portugueses como Associação Pública e define que "só os arquitectos podem, em todo o território nacional, praticar os actos próprios da profissão".

Cabe dizer que estes progressos são tímidos e que o cerne da questão está numa política coerente, promotora da qualidade do espaço edificado nas vertentes da política de solos, do planeamento urbanístico, da defesa do ambiente, da indústria, da construção e dos materiais, da política fiscal, do financiamento, dos processos e do funcionamento das instituições. Falta uma verdadeira política de qualidade que dê aos cidadãos portugueses alguma esperança no futuro do território que habitam. E nessa política a arquitectura terá um papel maior.

Esta Exposição terá alguma novidade em relação à 1.ª ENA, quer pela forma diferente como está estruturada (admitindo uma subdivisão geográfica e também tipológica) quer pelo facto de também se apresentarem alguns trabalhos realizados fora do país. A internacionalização da nossa actividade leva cada vez mais à superação do isolamento e ajuda a combater a marginalidade a que uma legislação hostil, uma fiscalidade feroz e um comportamento prepotente das instituições têm condenado a nossa arquitectura.

Se a arquitectura está cada vez mais enraizada na sociedade portuguesa é preciso que se diga que tal se deve muito mais ao esforço e ao entusiasmo dos arquitectos, que a qualquer política nacional de afirmação da nossa arquitectura.

É difícil julgar a arquitectura, compreender as motivações e os condicionalismos que regulam a obra. Por vezes é mesmo difícil saber o que é a arquitectura. É no entanto compreensível por todos que a arquitectura acrescenta diversos valores ao enquadramento edificado da vida humana: a comodidade, a beleza, a segurança, o simbolismo, a relação harmoniosa com o sítio, a protecção do ambiente, a salvaguarda e a valorização do património.

Acrescentando sempre mais valor, os arquitectos sentem-se credores. O seu trabalho está exposto não só aqui, mas todos os dias. Ao olhar e ao julgamento dos seus concidadãos.

55

CASA TEOTÓNIO GUERRA

Caparica, Setúbal
1988.

A U T O R E S
Arq. Paulo Martins Barata

Um sistema geométrico ortogonal, submete a estrutura e define a interligação dos espaços, a composição entende-se minimal.

56

PAVILHÃO DE INVERNO E MORADIAS GEMINADAS

Quinta da Tala, Belas, Lisboa
1988-1989. 1988

A U T O R E S
Arq. Paulo Martins Barata

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES

Estabilidade, Joaquim Cabral de Meneses;
Arq. Paisagista, Teresa Andresen e Cristina Castel Branco

O muro que remata o extenso relvado da Quinta da Tala, em Belas, serviu de suporte para a implantação de um pavilhão de inverno e duas moradias geminadas... Uma nova e fragmentada muralha de xisto contracena com as alvenarias.

57

ALBERGARIA RESIDENCIAL

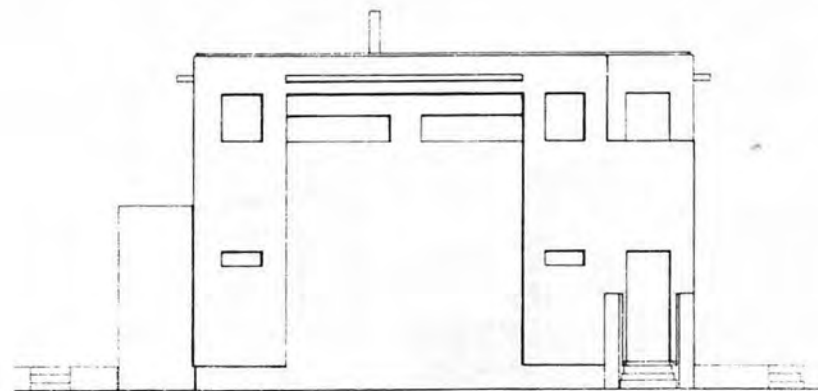
Monchique, Faro
1988.

A U T O R E S
Nuno Barcelos, José Luís Ribeiro, Ana Tostões

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES

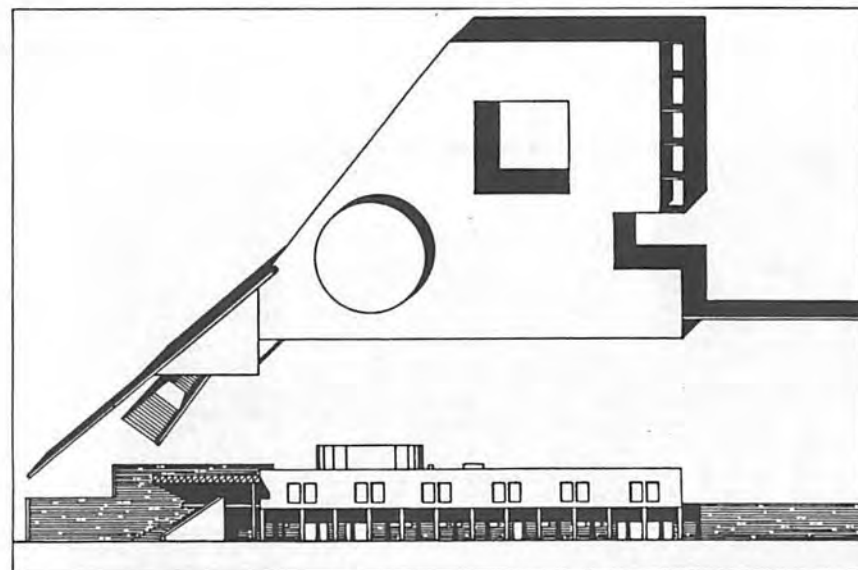
Estabilidade, águas e esgotos, Eng. Carlos Martins; electricidade, Fernando José Carvalho Araújo

Existente: Restaurante e residência do proprietário em Monchique, junto à EN 266. Um muro enviesado em relação à estrada divide a propriedade de um caminho secundário. Pretende-se um novo piso para acolher uma Albergaria Residencial. Proposta: Valorizou-se o muro existente de modo a ser o elemento de chamada para marcação da nova entrada. Colocou-se uma megaforma sobre a construção base, de modo a anular a ausência de regra da construção existente e reforçou-se a horizontalidade do conjunto através do ritmo dos vãos e pilares e do prolongamento do embasamento revestido em pedra da região.

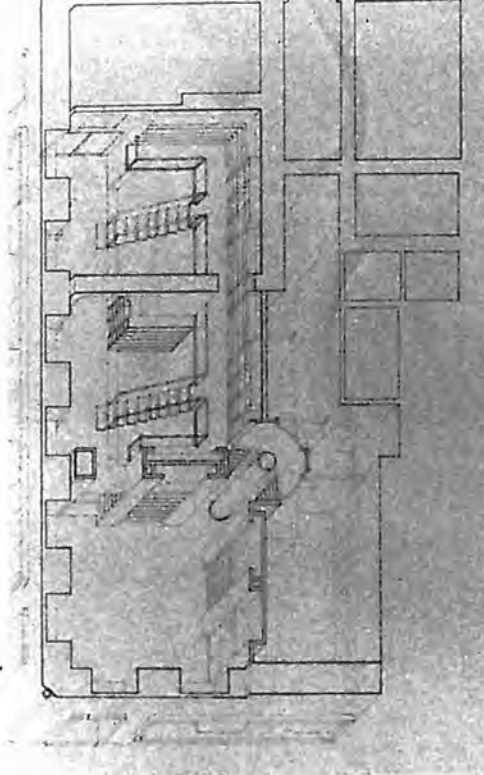


55

56



57



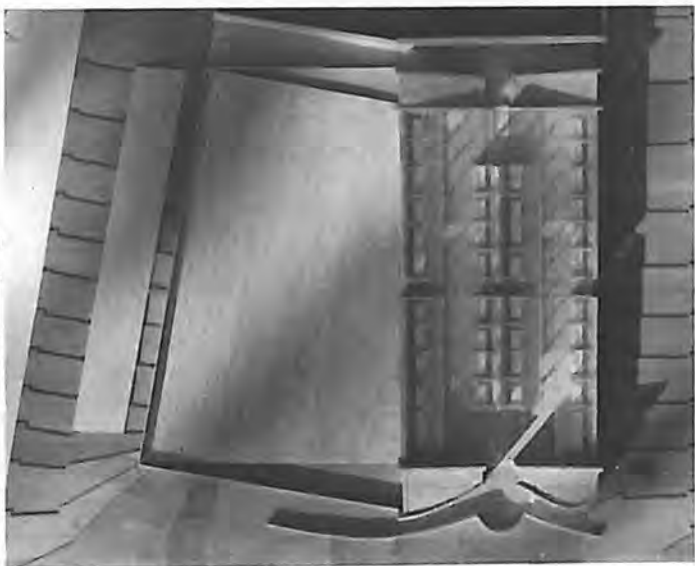
154

RENOVAÇÃO DA LIVRARIA DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Chiado, Lisboa
1988.

A U T O R E S
João Luís L.S. Ferreira

O projecto tem por finalidade renovar a actual livraria do "Diário de Notícias" no Chiado. Teve-se em atenção não só o aumento do volume de estantes mas também o proporcionar aquele lugar a possibilidade de centralizar mais um ponto de convívio na zona do Chiado. Teve-se também em atenção o facto de haver tectos trabalhados e uma coluna em torno dos quais a proposta procurou devolver a organização básica do interior, quer na relação com o exterior, quer nos aspectos estruturais. Define-se, assim, três salas, em que a primeira adquire a qualidade de "hall" de entrada e recepção e as duas seguintes, e contíguas, mais marcadamente expositoras dos livros. A existência da actual galeria do "DN" foi tida em atenção, de modo a que possa ser mais patente e real a ligação entre livraria e galeria. O aumento do volume de estantes foi obtido através de uma galeria superior, que permite uma utilização maximizada em virtude da altura do pé direito existente.



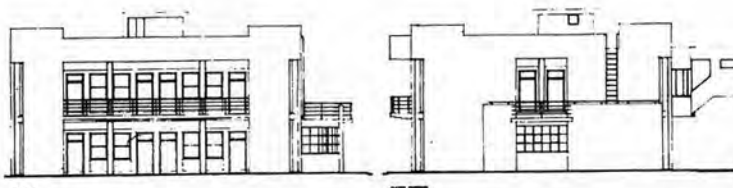
155

MERCADO RETALHISTA - BAIRRO PORTELA DA AZÓIA

Bairro Portela da Azóia, Loures, Lisboa
1988.

A U T O R E S
Arq. João Vasconcelos Ferreira

O Mercado destina-se a servir a população do Bairro clandestino da Portela da Azóia, concelho de Loures. O edifício caracteriza-se pela afirmação de um objecto único em face de uma envolvente muito pouco plausível e hostil. Este princípio é acentuado por planos de parede salientes do conjunto edificado e que funcionam como diafragmas entre o exterior e o interior.



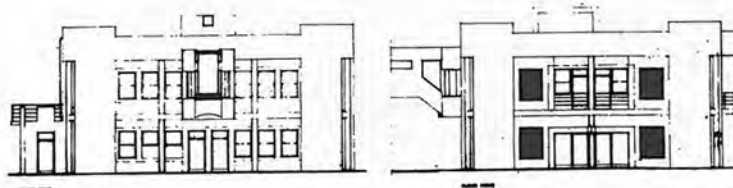
156

UNIDADE INDUSTRIAL

Ribeirão, Famalicão, Porto
1987.

A U T O R E S
Dep. C.C. Grupo Focor, João Pedro R. Guimarães, José J.J. Pacheco

"A volumetria exterior é constituída por três elementos (ou planos) autónomos, que se interligam entre si, criando uma unidade." (Da *Memória Descritiva*, a propósito do edifício de escritórios).



301

BAR "LÁBIOS DE VINHO"

Rua do Norte, 52, Bairro Alto, Lisboa
1988. 1988

A U T O R E S

Arq. João Perloiro

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES

Construções Martins Sampaio; Escultor Nelson Cardoso

Remodelação total do interior de um bar pré-existente.

302

REMODELAÇÃO DE ESCRITÓRIO DE ADVOGADOS

Av. E.U.A., 97, Lisboa
1989

A U T O R E S

Arq. Paulo Perloiro

Remodelação em piso de escritórios. Escritório misto advogados/economistas. Serviços gerais comuns (secretariado, arquivo, biblioteca).

303

COMPLEXO DESPORTIVO NO PP9 - ALMADA

Almada, Setúbal
1987-1988. 1989

A U T O R E S

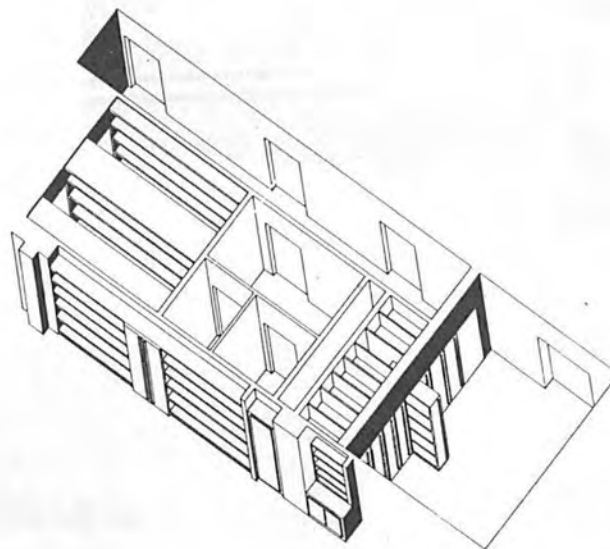
Arq. António Luís Perestrelo, Arq. António Alfaro Martins

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES

Colaboradores: Arquitectura, Arq. Luís Miguel Ruivo; arq. paisag., Arq. Paisag. Hipólito Leão Bettencourt; estabilidade, águas e esgotos, Eng. João A. Costa Ferreira; mecânica, Eng. José Manuel M. Patrocínio Nobre; estruturas metálicas especiais, Eng. António Escarameia; acústica e ambiente, Eng. Paulo Ruivo; medições e ordenamento, António Parfana; desenho, Fernando Marques, José Lourenço, Fernando Mateus, Eduardo Lopes, Henrique Barata, José Baptista, Rui Laranjinha

1.º lugar em Concurso Limitado (1987).

O projecto teve como premissa o programa preliminar fornecido pela CMA na fase do concurso limitado onde se pretendia uma proposta de concep-



301

302



303

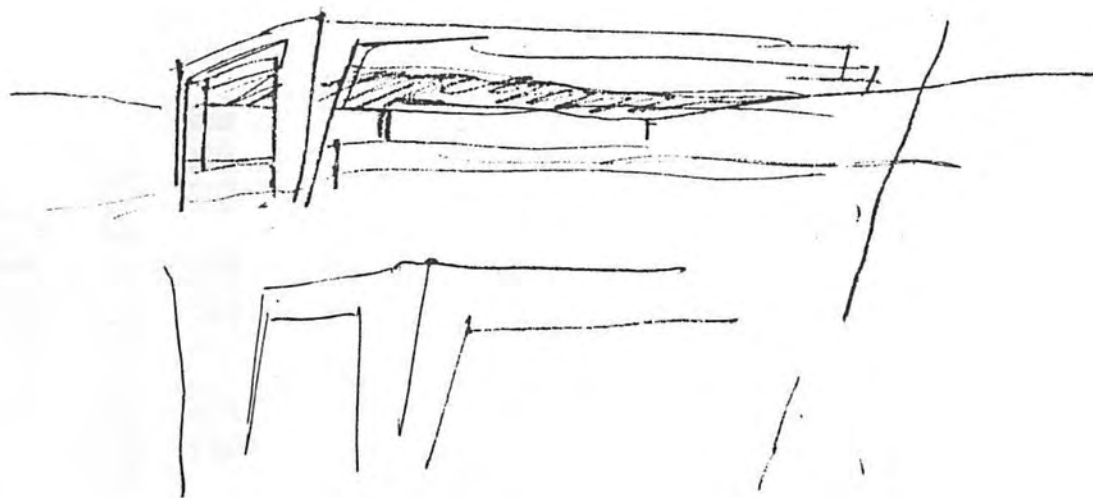
328



329



330



328

RECUPERAÇÃO DO EDIFÍCIO DOS ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

Esgueira, Aveiro
1984. 1988-1989

A U T O R E S
Arqs. José Prata e Ângelo Centeno

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES
Eng. Joaquim Alves Pereira

329

CENTRO COORDENADOR DE TRANSPORTES

Albergaria-a-Velha, Coimbra
1985. 1988-1989

A U T O R E S
Arq. José Prata

PROJECTOS ESPECIAIS E CONSULTORES
Engs. António Vaz Portugal e Domingos Ferreira

330

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Odivelas, Lisboa
1989.

A U T O R E S
Promontório, Arqs. Associados – João Perloiro, João Luís Ferreira, Paulo Perloiro, Paulo Martins Barata

Da deslexcia estrutural do espaço existente destinado à dependência bancária redefinem-se novas estratégias de desenho.